

MEC quer ampliar ano

Getúlio

letivo para 200 dias já em 91

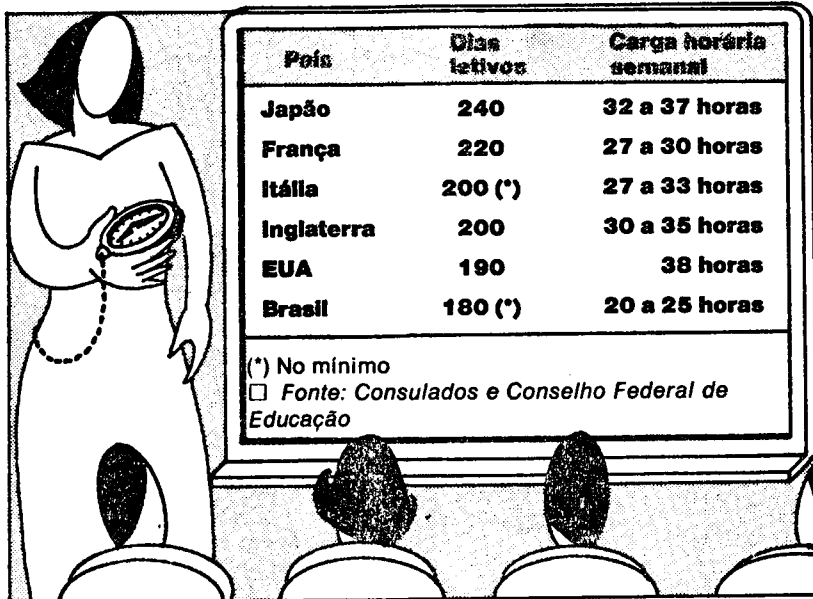
BRASÍLIA — A ampliação do ano letivo de 180 para 200 dias, o aumento das atividades escolares de quatro para seis horas diárias e a redução no período de férias dos professores para 30 dias são as principais mudanças no ensino fundamental que o Ministério da Educação está preparando para o próximo ano. Algumas dessas reformas, como a ampliação do ano letivo, estão previstas no projeto da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, mas como o Congresso Nacional não tem prazo para votar a matéria, o Ministro da Educação resolveu se antecipar ao Poder Legislativo.

Se efetivada a ampliação do ano letivo, o Brasil chegará ao mesmo patamar de Inglaterra e Itália, em número de dias, mas terá ainda que aumentar o número de horas de aula por semana, hoje entre 20 e 25, para se equivaler a esses países na carga horária total.

A permanência do aluno na escola por mais duas horas (hoje são quatro horas diárias) será alcançada gradualmente, conforme as condições estruturais dos estados e municípios. "Em alguns estados, como o Rio de Janeiro e São Paulo, os alunos já permanecem nas escolas por seis horas. Em outras regiões, onde há carência de vagas, o plano ficará na dependência da construção de novas escolas", explica a secretária Nacional de Ensino Básico do MEC, Ledja Australino. Na zona rural, o período de aulas será adaptado à colheita das culturas regionais.

Ledja disse ainda que as mudanças não vão implicar em um aumento da carga horária dos professores porque eles têm direito a apenas 30 dias de férias e acabam tirando 60 ou 90 dias, período que deveria ser empregado em cursos de reciclagem e treinamento de docentes. "O MEC estará cumprindo a lei e, ao mesmo tempo, melhorando a qualidade do ensino", garante a secretária. Segundo ela, além de trabalharem mais, os professores também serão submetidos a cursos de treinamento.

Tempo de aula



País	Dias letivos	Carga horária semanal
Japão	240	32 a 37 horas
França	220	27 a 30 horas
Itália	200 (*)	27 a 33 horas
Inglaterra	200	30 a 35 horas
EUA	190	38 horas
Brasil	180 (*)	20 a 25 horas

(*) No mínimo
□ Fonte: Consulados e Conselho Federal de Educação

Para aumentar o ano letivo, o MEC está se baseando em estudos realizados pelo Departamento de Ensino Médio, nos quais ficou constatado que a maioria dos países desenvolvidos e até aqueles em desenvolvimento têm período de atividades escolares no ensino fundamental acima de 200 dias. Entre eles, o MEC tomou como exemplo Alemanha, Japão, Áustria, China, Jordânia, Tchecoslováquia, União Soviética e Senegal, além de países de cultura islâmica como o Iraque, onde o ano letivo supera 200 dias.

Para o estudante Guilherme Marques, vice-presidente da Associação Municipal de Estudantes Secundaristas do Rio de Janeiro (Ames), o aumento do ano letivo de 180 para 200 dias não é suficiente para determinar mais qualidade no ensino. "Os alunos lucrariam mais se esses 20 dias fossem utilizados em reciclagem do professor, que não tem tempo para nada. Teríamos aulas muito melhores nos dias restantes", propõe, Guilherme, que estudou no Centro Educacional da Lagoa e agora se prepara para o vestibular.

Ensino básico polariza debate

Representantes da universidade e do poder público polarizaram uma discussão, ontem, no programa *Sem Censura*, da TV Educativa, do qual participaram o ministro da Educação, Carlos Chiarelli, e a secretária de Educação do Rio de Janeiro, Fátima Cunha, e representantes do meio acadêmico e empresarial. A discussão girou em torno da dificuldade de se definir que papel cabe a quem na melhoria do ensino básico do país.

De um lado, a educadora Regina Assis, professora da Faculdade de Educação da PUC-RJ, cobrou do ministro Chiarelli a pouca utilização das informações que as universidades detêm sobre o tema. Foi rebatida pela secretária de Educação.

"Enquanto a universidade pensa, o telhado da escola cai, o aluno repete de ano. Enfim, o sistema atropela a gente", disse Fátima Cunha. "Há que se mudar a forma de geração de conhecimento da universidade. Temos que pensar junto com o sistema e não à parte dele", disse Regina.